



## Sala dos Moinhos o retrato da vida do campo

A Sala dos Moinhos representa, neste enquadramento museológico, as diferentes actividades agrícolas da Ínsua e a sua lavoura nas múltiplas dimensões que sempre caracterizaram a produção da quinta. No entanto, o centro das atenções são os 3 moinhos, movidos a eletricidade, que constituem um marco na capacidade de inovação da Casa da Ínsua. O moinho é um engenho que tritura os cereais, reduzindo os grãos a farinha, por ação de mós (pedras rotativas que, por fricção de uma sobre a outra, trituram os grãos). O sistema é conhecido desde o século II e o movimento da mó é tradicionalmente garantido por um sistema eólico (o moinho de vento, a velas), hidráulico (a azenha, junto às correntes dos rios) ou a tração animal (a atafona).

A Casa começou a produzir eletricidade em 1893 para mecanizar as funções agrícolas e estamos na presença de três dos primeiros moinhos de função similar aos tradicionais, mas que, pela primeira vez, eram acionados a energia elétrica. Destacam-se ainda mais pelo cuidado, quase artístico, que houve em embelezá-los com um esbelto revestimento de madeira que lhes dá uma personalidade muito própria.

Arcas, que continham os cereais para a moagem (trigo, milho, centeio, cevada, feijão, grão de bico, castanha...); gamelas de grande dimensão, que recolhiam diretamente a farinha saída dos moinhos, com um dos flancos a 45° para facilitar o transvase, ajudando a que o seu conteúdo pudesse ser mais facilmente vertido em reservatórios menores para o transporte; pás de madeira e outros instrumentos de apoio à atividade, contam-nos um pouco das lides e da azáfama de outros tempos, que coloriam este espaço. Os produtos para serem transformados aqui chegavam do campo até às arcas, transportados por vagonetas em carris, elevados por sistemas mecânicos e transformados com recurso a eletricidade.

Nas paredes, perduram elucidativos gráficos do histórico da evolução da produção e dos preços dos principais produtos da quinta. Preços do azeite desde 1823, do vinho desde 1852, ou do rameiro (cereais) desde 1874, são uma base estatística única que foi usada em estudos académicos e, solicitados à Ínsua para a elaboração de planos para o governo do país, no segundo quartel do século XX. Numa abordagem diferente, temos também quadros que espelham a evolução da produção de vinho na quinta desde 1852 ou o histórico da produção de azeite desde 1862.



Almudes e alqueires são medidas usadas nestes quadros mas que caíram em desuso ao longo do tempo. Medidas cujo valor variava de região para região e que foram substituídas no século XIX pelas unidades oficiais do sistema internacional decimal, padronizadas e iguais em todo o lado. Mas o almude como medida de capacidade para líquidos, ainda subsistiria muitas décadas e diferia significativamente de local para local, chegando, na época moderna, a ser definido o valor oficial de 16,8 litros, no entanto nesta zona o almude era de 20 litros, se fosse para vinho, ou de 10 litros se fosse para azeite. O alqueire era a medida de capacidade mais usada para secos (cereais ou leguminosas, por exemplo) e também variava consoante as regiões. Nesta região, um alqueire rondava os 15 litros, enquanto no litoral era de 13,1 litros e no norte do país chegava aos 19,3 litros.

É uma parte da história da Ínsua que está cuidadosamente espelhada nestes equipamentos e nos primorosos quadros e gráficos que preservam a evolução desta atividade com registos de há 2 séculos. Um vívido retrato de uma quinta que, também na lavoura, esteve sempre à frente do seu tempo.





## Momentos das vivências da Ínsua do século XVIII ao XX

No hall desta área podemos admirar uma maquete em escala natural dum dos elementos decorativos elaborados por Nicola Bigaglia para o portão de Sangemil ou da Sereia (aqui ainda sem segurar o brasão de armas dos Albuquerque, que no portão ostenta). Destaque para a carta de armas de Manoel Pereira de Albuquerque, capitão-mor do concelho de Penalva, outorgada por D. Afonso VI e datada de 10 de Julho de 1672. Trisavô de Luís de Albuquerque e fundador da actual Capela, a 9 de Maio de 1667, que depois foi acrescentada por Luís de Albuquerque, com data de 1 de Outubro de 1791.

Na antecâmara, plataforma elevadora, associada ao tapete de transporte de azeitona e elevador eléctrico acoplado, mostram a continuação dos circuitos agrícolas que atravessam todo o Museu.

**Estação 1 – o Viajante incansável:** Armas e artefactos de caça e pesca dos índios do Amazonas e uma deliciosa farmácia portátil (Botica de campo) indispensável para as longas viagens nos infundáveis sertões.



**Estação 2 – O Fronteiro constructor de fortes:** *“A soberania e o respeito de Portugal impõem que neste lugar se erga um Forte, e isso é obra e serviço dos homens de El-Rei nosso senhor e, como tal, por mais duro, por mais difícil e por mais trabalhoso que isso dê é serviço de Portugal. E tem que se cumprir.”* Placa assinada por Luís de Albuquerque no estratégico Forte Príncipe da Beira, baluarte para defesa das fronteiras do território já conquistado, cuja primeira pedra foi colocada pelo insigne fronteiro, a 20 de Junho de 1776, na mesma altura que enviava para a Ínsua os planos para a construção da nova casa.

**Estação 3 – O Pesquisador científico:** A Viagem Philosophica, de Alexandre Rodrigues Ferreira, só começaria em 1783, no final do mandato de Luís de Albuquerque, mas os dois homens ainda se encontrariam em Vila Bella e manteriam contacto a partir daí. Mas Luís de Albuquerque já se antecipara, em duas décadas, na recolha de material etnográfico e no levantamento da fauna e floras locais. A sua curiosidade científica e rigor também se destacariam nestes domínios e a arca que preservava os desenhos e peças desta recolha é testemunha desta missão em prol do conhecimento.



**Estação 4 – As artes decorativas:** A casa evoluiu ao longo dos séculos, mas dois ciclos decorativos se destacam, o primeiro na construção do actual edifício nos anos 1780, muito ligado Luís de Albuquerque e o segundo, nos anos 1890, com a principal marca de Nicola Bigaglia e Luigi Batistini. As cadeiras “feitas na Ínsua em 1780” por Mestre Balthazar e as maquetas de Nicola Bigaglia aqui realizadas em 1890 e depois transferidas para pedra pelo “Cebolo” são dois marcos destas épocas.

**Estação 5 – A arte sacra:** A capela da Madre de Deus originalmente de 1667 e renovada em 1791 e outras anteriores que a família sempre promoveu, foram a base para a constituição de uma rica coleção de santaria de várias épocas, repartida pela casa, que se afirma como outro ponto de interessante descoberta.

**Estação 6 – O dia-a-dia:** Uma fonte, um carro de bébe ou um conjunto de tacos de críquete ilustram muitas das actividades que marcavam a vivência e o conforto e bem-estar do quotidiano de uma casa, sempre repleta de gente. Neste contexto é emblemática a paisagem de fundo, com um passeio na alameda dos buxos, mandada construir por Luís de Albuquerque, em 1775.



**Estação 7 – A vida na quinta:** O vinho e a preocupação no conhecimento no progresso científico do sector, a evolução da produção e sua constante mecanização e automação, as pequenas e as grandes ferramentas e a maquinaria associada ilustram a azáfama diária da vida agrícola da Ínsua.

**Estação 8 – E fez-se luz:** A introdução da electricidade na Ínsua, em 1893, veio alterar radicalmente a vida na casa, a iluminação, o aquecimento, os pequenos electrodomésticos, mas mais do que isso viria revolucionar as actividades da quinta, onde para além da iluminação, os motores, a mecanização, a automação, criaram uma nova realidade que não pararia mais de evoluir.